

# *Institutio Oratoria* – A Retórica

## Parte do Livro II \*

Quintiliano

### Índice

Livro II . . . . .	1
XI. Necessidade da instrução retórica . . . . .	1
XII. Por que razão parecem ser melhores os oradores sem formação académica . . . . .	2
XIII - Dimensão da retórica científica . . . . .	3
XIV- Os conceitos da retórica . . . . .	5
XV- Definições de retórica . . . . .	6
XVI- Vantagens e desvantagens da retórica . . . . .	11
XVII- É a retórica uma arte? . . . . .	11
XVIII- A retórica e as artes afins . . . . .	11
XIX- Dons naturais e arte . . . . .	11
XX- É a retórica uma virtude? . . . . .	11
XXI- Matéria da retórica . . . . .	11

---

\*A *Retórica* de Quintiliano (nasceu em 35 e sabe-se que morreu antes do ano 100) é composta de 12 livros. O Livro II é composto de 21 capítulos. A edição utilizada para esta tradução é a edição bilingue, editada e traduzida por Helmut Rahn, publicada na Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1988<sup>2</sup> (1975). O objetivo desta tradução, feita directamente do latim e cotejada com a tradução alemã, é fundamentalmente pedagógico pois visa servir de texto de apoio aos alunos da Disciplina da Retórica dos cursos de Ciências da Comunicação e de Filosofia da Universidade da Beira Interior. O docente António Fidalgo (fidalgo@ubi.pt).

### Livro II

#### **XI. Necessidade da instrução retórica**

1- Agora temos de nos debruçar sobre aquela parte com que costumam começar os que omitem aquilo que apresentei até agora: embora tenha de enfrentar logo ao início as objecções dos que pensam que a eloquência não precisa de regras desse tipo, mas que, considerando que lhes basta a própria natureza, a rotina habitual e os exercícios escolares, se riem do nosso afã, e recorrendo ao grande exemplo de professores de renome, dos quais um, se bem me lembro, interrogado sobre o que era *σχῆμα* e *νόημα*,<sup>1</sup> respondeu que não sabia, mas que quando se tratava de os aplicar, estavam contidos na sua declamação. 2- Um outro, à pergunta se estava do lado de Teodoreu ou de Apolodoreu, respondeu que estava do lado dos gladiadores. Claro que não poderia declarar com mais classe a sua ignorância. Na verdade, aqueles que graças ao talento são tidos como excelentes e que também disseram muitas coisas dignas de memória, são acompanhados por muitos que os assemelham no desprezo das regras, mas por muito poucos que se

---

<sup>1</sup> *Esquema e pensamento.*

lhes equiparem no talento. 3- Vangloriam-se assim de seguir o seu impulso e de confiar nas próprias forças; pois que não importa nem a justificação nem a disposição dos temas propostos, mas sim aquilo que leva a encher um auditório, a saber, frases eloquentes, de que as melhores são as nascidas em momentos críticos. 4- E mesmo quando preparam as ideias, ou se põem, sem qualquer plano, a olhar para o ar, e esperam durante dias que lhes advenha um momento de inspiração, ou então, movidos seja por um murmúrio incerto seja por um sinal instintivo entregam-se a um movimento rapidíssimo do corpo não para pronunciar quaisquer palavras, mas para as procurar. 5- Alguns, mesmo antes de encontrarem o sentido, adoptam determinados princípios a que sujeitam qualquer discurso eloquente; e depois de os terem durante muito tempo e claramente pensado, mas faltando-lhes a perspectiva de uma possível ligação, divergem para outros assuntos e mais outros ainda, não menos familiares e conhecidos. 6- Os que parecem ser mais inteligentes não se atêm a casos em geral, mas apenas a pontos particulares, sem se preocupar em os sistematizar, mas atiram-nos em pedaços à medida que lhes chegam às mãos. 7- Donde resulta que um discurso feito de partes dispersas e diversas não pode ser coerente, e assemelhar-se-á aos cadernos dos meninos da escola em que estes apontam o que é louvado no discurso de outros. Contudo, conseguem produzir grandes frases e até coisas boas (e costumam também vangloriar-se com isso); mas isso também o fazem os escravos e os bárbaros, e se isso fosse o bastante, então não haveria razão de ser para a retórica.

## **XII. Por que razão parecem ser melhores os oradores sem formação académica**

1- Não pretendo de algum modo negar, aliás opinião corrente, de que parecem mais fortes os oradores sem formação. Essa opinião assenta desde logo no juízo errado de quem julga que a força é maior quando falta a arte, tal como quando se pensa que rebentar é mais forte do que abrir, romper do que resolver ou empurrar do que levar. 2- Pois que tanto o gladiador que, ignorante no manejo das armas, se lança à peleja, como o lutador que se empenha com todo o seu corpo na investida, são chamados de mais fortes, quando por vezes e até frequentemente são levados ao chão pelas próprias forças e com um leve movimento evitariam as investidas veementes dos adversários. 3- Mas é nesta situação que os inexperientes fallam naturalmente; com efeito, embora a divisão seja decisiva nos pleitos, ela parece diminuir as forças, tal como se julga que o grosseiro é mais forte que o polido, e o que está disperso é mais numeroso que o que está ordenado. 4- Por outro lado, também acontece que as virtudes e os defeitos se tocam, de tal modo que se confunde maledicência com franqueza, temeridade com coragem e sumptuosidade com riqueza. Quem não tem formação cai mais a pique e mais vezes na maledicência, e frequentemente mesmo sob risco de isso se voltar contra si próprio. 5- Esta opinião também é reforçada pelo facto de que o que os homens mais gostam de ouvir é aquilo que eles próprios preferiam não dizer. Também incorrem num outro perigo que reside na própria apresentação do dis-

curso e que consiste em nada recluir e atrever-se a tudo, donde resulta que encontra por vezes coisas grandes quem anda sempre à procura dos extremos. Contudo, isso é raro e não compensa a queda em outros erros.

6- É por causa destas coisas que por vezes os oradores sem formação parecem ter um maior leque de recursos, porque dizem tudo, ao passo que os oradores com formação procedem a uma selecção e têm tino no que dizem. Acresce a isso que os primeiros descuram em provar aquilo que querem demonstrar. Desse modo evitam as questões e os argumentos que parecem desinteressantes a pessoas de juízo já desbotado, e nada mais procuram do que o que agrada, por volúpia rasteira, aos ouvidos dos assistentes. 7- De igual modo, mesmo as frases soltas, que é a única coisa que lhes interessa, soam tanto melhor quanto mais sórdido e abjecto for tudo à sua volta. Pois que, tal como Cícero diz, não é entre as sombras que as luzes mais brilham, mas no meio de trevas profundas. Se se quiser, chamem-se geniais a esses oradores, porém desde que esse louvor seja tido como ofensa a um orador verdadeiro. 8- No entanto, não se pode negar que a formação suprime algo, como a lima às arestas, as afiadoras às obtusidades, e a idade ao vinho; mas o que retira são defeitos, tal como só é menor porque melhor aquilo que a formação literária elimina ao burilar um texto.

9- Na verdade, também na apresentação esses oradores procuram a fama mediante um discurso mais exagerado; gritam tudo e em todo o lugar e, como eles próprios dizem, de mão levantada, correm como loucos, esbaforidos, gesticulando, abanando

violentamente com a cabeça. 10- Com efeito, bater palmas, bater com o pé no chão, ou bater na perna, no peito ou na frente, tem logo um efeito espantoso no povo simples. Ao contrário, o orador com formação tal como num discurso sabe diferenciar, variar, dispor, as muitas matérias, assim também na apresentação sabe adequar cada um dos seus actos à tonalidade respectiva do que diz, e se algo é digno de atenção permanente, então prefere ser e parecer modesto. 11- E esses tais oradores chamam de discurso forte àquilo que é antes um discurso violento. Mas o que é pior é que se encontram não só oradores desses, mas também professores de oratória que, após um breve exercício, omitem toda a teoria, conforme lhes apetece, e a cada passo criticam os que honram mais a teoria e chamam-nos de incapazes, pacóvios, fracotes e doentios, e outros nomes desprezíveis que lhes vêm à cabeça. 12- Restam-nos louvar esses que sem esforço, sem reflectir ou sem a aprendizagem da retórica, são todavia eloquentes. Quanto a mim, porém, que já há muito me afastei tanto do ensino como do foro dos tribunais, por considerar que parar por minha iniciativa era melhor enquanto os outros ainda desejavam que continuasse, prefiro no meu ócio ganhar algum consolo, investigando e escrevendo matérias que no futuro poderão ser úteis a jovens inteligentes, conforme julgo, e ainda, desse modo, obter algum prazer nisso.

### **XIII - Dimensão da retórica científica**

1- Ninguém, porém, me exija aquele tipo de preceitos que muitos autores de livros

de retórica costumam apresentar, como se tivesse de impor regras obrigatórias, necessariamente imutáveis, para os que estudam a retórica, nomeadamente, uma introdução, com tal e tal formato, depois a narração e a seguir, conforme as regras, a descrição do assunto, ou então, como alguns gostam, uma digressão, depois a ordenação rigorosa das questões, etc., tal como o fazem os bem mandados, como se fosse uma infracção fazê-lo de outra maneira. 2- De facto, a retórica seria bem fácil e ligeira, caso pudesse ser resumida num breve receituário. Ao invés, quase tudo muda consoante as causas, os tempos, a ocasião e a necessidade. É por isso que a coisa mais importante na retórica é a reflexão porque se adapta às diferentes circunstâncias. 3- Que seria se se prescrevesse ao general, sempre que travasse uma batalha, de alinhar a vanguarda, de fazer avançar os flancos e de lançar a cavalaria pelos lados? Será eventualmente o melhor método, quando for possível de executar, mas se se alterar a tipologia do local, se houver um monte, se um rio constitui um obstáculo, se o impedem as colinas, as florestas ou o acidentado do terreno. 4- E se muda o tipo de inimigo, então também muda a condição da batalha no momento: ora num ataque frontal, ora num ataque em cunha, ora com as tropas auxiliares, ora com a legião romana, e às vezes até convirá voltar as costas e simular uma retirada. 5- Assim também cada caso dirá se a introdução é necessária ou supérflua, breve ou longa, se é de se dirigir directamente ao juiz ou apenas indirectamente através de uma figura de estilo, se a narração deve ser densa ou mais difusa, se contínua ou dividida, se

linear ou não linear. 6- E o mesmo vale dizer para o ordenamento das questões, já que no mesmo pleito é frequente procurar adiantar-se à outra parte litigante mediante uma pergunta. Na verdade, estes preceitos não são validados por lei ou plebiscito popular, mas por aquilo, seja o que for, que a utilidade ditar. 7- Não nego, porém, que esses preceitos habituais são úteis a maior parte das vezes; de contrário, nem valeria a pena estar aqui a escrever isto. No entanto, se a utilidade nos aconselhar a fazer outra coisa, então há que lhe dar preferência relativamente à autoridade dos mestres. 8- Quero mesmo, muito em especial, “dar aqui um conselho e repeti-lo incessantemente”: dois pontos de vista deve o orador ter em conta em cada um dos seus actos: o que se impõe e o que é conveniente. Ora é conveniente frequentemente alterar a ordem antes estabelecida e habitual, e por vezes isso também se impõe, como vemos nas pinturas e nas esculturas, em que se muda a atitude, a expressão facial e a posição. 9- Com efeito, o corpo de pé é o que tem menos graciosidade; uma cara voltada para a frente, os braços caídos a direito, os pés unidos, isso será o que se chama uma obra rígida de cima a baixo. Flexível, por assim dizer, será aquela obra em que o movimento empresta acção e comoção. É por isso que as mãos não são moldadas apenas de uma maneira e há milhares de formas no rosto. Há estátuas que aparentam estar a andar, ou que simulam movimentam, outras estão sentadas ou deitadas, umas estão nuas, outras vestidas, outras ainda seminuas. Haverá porventura algo mais distorcido e elaborado que o lançador de disco de Miron? Se, contudo, alguém criticar

esta obra pelo facto de não estar direita, não denotará apenas falha de percepção de uma arte, em que a novidade e a dificuldade constituem elementos de admiração e louvor? 11- De modo semelhante oferecem graça e prazer as figuras retóricas presentes tanto nos sentidos como nas palavras. Pois que alteram algo ao decurso normal e têm ainda a vantagem de se libertarem do comum e vulgar. 12- Num quadro costuma apresentar-se toda a cara, contudo Apelles só mostra um lado da cara de Antígono, de modo a esconder a deformidade da falta de um olho. Não teremos então de no discurso esconder aquilo que não deve ser expresso ou que não pode sê-lo devido à dignidade da pessoa? 13- Tal como Timantes, como creio, de Citno fez naquele quadro em que venceu Colote de Teio. Na verdade, quando, no sacrifício de Ifigénia, depois de ter pintado Calcas entristecido, e Ulisses ainda mais, deu a Menelau uma tal expressão de dor quanto lho permitia a sua arte. Gastos todo o leque de emoções e não sabendo como poderia exprimir de modo digno a face do pai, cobriu-lhe a cabeça e deixou a cada um a tarefa de imaginar a dor deste. 14- Não se passa porventura o mesmo com o que Salústio diz: “sobre Cartagena acho que é melhor não dizer nada do que dizer pouco”? É por estas razões que tomei por hábito ligar-me o menos possível a preceitos, que usualmente chamamos de  $\kappa\alpha\theta\omicron\lambda\iota\kappa\acute{\alpha}$ ,<sup>2</sup> isto é, como diremos na medida do possível em termos latinos, *universalia* ou *perpetualia*. Na verdade, pouco existe deste género de preceitos que não possa de um modo ou outro ser posto em causa

<sup>2</sup>*universais*.

ou mesmo destroçado. 15- Mas trataremos este ponto com mais detalhe a seu devido tempo; entretanto apenas pretendo evitar que os jovens se achem suficientemente instruídos com a leitura desses livritos de retórica que circulam por aí, a maior parte das vezes em resumos, e se julguem caucionados pelos conselhos dos especialistas. Ora a arte da retórica consiste de muito trabalho, de estudo constante, de muito exercício, de inúmeras tentativas, de muitíssima prudência e de muito sangue frio no momento exacto. 16- Contudo, pode ser reforçada com esses livros, desde que apontem um caminho a direito a quem, julgando tratar-se de um trilho apertado do qual é prejudicial afastar-se, tem de aceitar que tem de ser percorrido passo após passo à semelhança dos que caminham sobre arames. Por esse motivo, temos de sair frequentemente do caminho real a fim de encurtar caminho, e se as pontes do caminho a direito foram derrubadas pela força das rios, temos de nos desviar, e se as portas estiverem a arder, então temos de forçar a saída pelas paredes. 17- Enorme é a tarefa, complexa e quase todos os dias uma nova, e nunca completamente expressa em palavras. No entanto, procurarei ensinar tudo o que de bom nos foi até agora transmitido, e, se me parecer ser melhor, mudar, acrescentar, ou cortar.

#### XIV- Os conceitos da retórica

1- Os tradutores usaram ora *oratoria* ora *oratrix* para verterem para latim o termo grego *rethorice*. Não pretendo roubar-lhes o mérito que lhes é devido, por desse modo

procurarem aumentar a riqueza do léxico romano. Todavia, nem tudo o que nos vem dos gregos é de seguir, tal como não o devem fazer eles quando quiserem designar coisas nossas com palavras deles. 2- Tal tradução não é menos dura que *essentia* e *entia* de Plauto<sup>3</sup>; e, além disso, nem *correctas*. É que *oratoria* ecoará como *elocutoria*, *oratrix* como *elocutrix*, enquanto a ‘rethorice’, de que falamos, é tal e qual como a ‘eloquentia’. 3- Nem há que duvidar que em grego o termo ‘retorica’ tem também um duplo significado; por um lado, é um adjectivo – como por exemplo, “ars rethorica” e “navis pirata” –, por outro lado, é um substantivo, o nome de uma coisa, tal como ‘philosophia’ ou ‘amicitia’. Ora com ele pretendemos significar a substância, tal como ‘grammatice’ é literatura e não ‘literatrix’ ou ‘oratrix’, nem ‘litteratoria’ ou ‘oratoria’; não se usa o significado de adjectivo na nossa ‘rethorice’. 4- Não se faça disto um cavalo de batalha, sobretudo quando temos de utilizar tantos termos gregos; por mim, continuarei a dizer ‘philosophi’, ‘musici’ e ‘geometrae’, sem os violentar com uma tradução feia em latim. E, por fim, já que M. Túlio<sup>4</sup> nos primeiros livros que escreveu sobre o tema usou o termo grego, não há que de todo nos envergonharmos, por parecer agir temerariamente, ao creditarmos ao maior dos oradores o nome da sua arte.

5- A ‘rethorice’ portanto – pois que utilizaremos sem medo da polémica esta designação – deixa, segundo creio, dividir-se da melhor forma ao tratarmos da *arte*, do

<sup>3</sup>Não se trata do conhecido escritor de comédias latino, mas de um filósofo estóico. N.T.

<sup>4</sup>Prenomes de Cícero (Marco Túlio Cícero). N.T.

*artífice* e da *obra*. *Arte* deve ser entendida como disciplina: é a ciência do falar bem.<sup>5</sup> *Artífice* é o que recebe esta arte: é o orador a quem cabe falar bem. A obra é o que é realizado pelo artífice: é o bom discurso. Tudo isto por sua vez se divide em subespécies. Mas este assunto será tratado no sítio devido. Agora quero começar com o que deve ser tratado na primeira parte.

## XV- Definições de retórica

1- Antes de tudo o mais: *o que é a retórica?* Define-se de diferentes maneiras, mas no fundo há aqui uma dupla questão: a diferença de opiniões está ou na qualidade da própria coisa ou na compreensão das palavras. A primeira e a principal diferença de opiniões é que uns acham que também homens maus podem ser designados como oradores, enquanto outros, nos quais me conto, apenas querem atribuir esse nome e a respectiva arte a homens bons. 2- De entre os que separam o dom da palavra e uma vida a que se deve prestar mais e maior louvor, há uns que a consideram apenas uma faculdade (*vis*), outros uma ciência (*scientia*), mas não uma virtude, uns que a tomam como um hábito (*usus*), outros como arte, mas distinta da ciência e da virtude, e ainda outros que a têm como uma arte depravada a que chamaram *κακοτεχνία*.<sup>6</sup> 3- Estes são de opinião que a tarefa do orador é persuadir ou falar de um modo apto a persuadir, o que pode ser feito também por quem não é uma boa pessoa. Assim, a definição mais frequente é a de “retórica como a força de persuadir”. Ao que chamo ‘faculdade’

<sup>5</sup>*bene dicendi scientia*.

<sup>6</sup>*fraude, vigarice*.

(*vis*), muitos chamam ‘capacidade’ (*potestas*), e alguns ‘dom’ (*facultas*). Para que não haja confusão, digo que ‘faculdade’ é δύναμις.<sup>7</sup> 4- Esta opinião tem a sua origem em Isócrates, se for verdade que é dele o livro que circula com o seu nome. Mas embora se distancie do desejo dos que querem vilipendiar a retórica, foi algo ligeiro ao definir o objectivo desta arte, na medida em que disse que a retórica era ‘o artífice da persuasão’, isto é πειθοῦς δημιουργόν. Com efeito, não me permitirei empregar a mesma fórmula pela qual Énio chama “medula da persuasão”<sup>8</sup> a M. Cetego. 5- Na obra de Platão também Górgias, no livro com o mesmo nome, diz quase o mesmo, mas Platão quis que essa opinião fosse vista como a dele e não como a sua. Cícero escreveu em muito lado que o ofício do orador era “dizer o adequado a persuadir”.<sup>9</sup> 6- Nas suas obras de retórica, que sem dúvida ele próprio não pode aprovar, define como objectivo *persuadir*; mas a verdade é que também o dinheiro persuade, tal como a graça e a autoridade do orador ou a sua dignidade. Por fim, a própria visão mesmo sem voz, pela qual surge a recordação dos méritos de alguém ou a face de alguém a suscitar pena ou a beleza de uma forma, determina uma opinião. 7- Na verdade, quando António na defesa de Manus Aquílio lhe rasga as roupas e mostra as cicatrizes que recebera no peito ao serviço da pátria, não depôs a sua confiança no discurso, mas forçou o olhar do povo de Roma, que,

<sup>7</sup> *dinâmica*.

<sup>8</sup> *Suadae medulla*. Esta expressão tornou-se idiomática e significa hoje “orador frequentíssimo”. N.T.

<sup>9</sup> *dicere adposite ad persuadendum*.

como se crê, emocionadíssimo por aquela visão, absolveu o réu. 8- E que Sérvio Galba só encontrou compaixão por no fim do discurso apresentar ao tribunal, trazidos pela mão, não só os seus filhos ainda pequenos, mas também o próprio filho de Sulpício Galo, tendo sido então libertado, isso foi confirmado por testemunhos vários e por um discurso de Catão. 9- E a Frine<sup>10</sup> não foi o discurso de Hipérides<sup>11</sup>, ainda que admirável, mas a visão do seu corpo belíssimo, que ela mostrou tirando a túnica, que, conforme se julga, a livrou do perigoso processo. Ora se tudo isto persuade, então a definição referida não é idónea. 10- Por isso consideram-se mais cuidadosos os que, embora tendo a mesma ideia de retórica, a definiram como sendo “a faculdade de persuadir pelo discurso”. É aliás essa a definição que Górgias, coagido por Sócrates, dá no livro já referido acima, definição essa que também partilha Teodecto no livro sobre retórica que leva o seu nome, seja dele ou, como alguns julgam, de Aristóteles. Aí se diz que o fim da retórica é “induzir os homens àquilo que o autor pretende”. 11- Contudo, também esta definição não é suficiente, pois que é também pelo discurso que persuadem ou levam os outros ao que desejam, sejam as meretrizes, os aduladores, os sedutores. Em contrapartida, o orador nem sempre consegue persuadir, de modo que tal objectivo não lhe seria específico, antes o meteria no mesmo saco com pessoas que estão muito longe de ser oradores. 12- Mesmo assim, Apolodoro não se

<sup>10</sup> Cortesã grega extremamente bela que serviu de modelo à Afrodite de Praxíteles. N.T.

<sup>11</sup> Um dos dez oradores consagrados da Grécia. N.T.

afasta muito desta definição, pois diz que o primeiro e o mais importante fito do discurso judicial é “persuadir os juízes e levá-los a pronunciar a sentença que se pretende”. Na verdade, acaba por submeter o orador à sorte, de tal modo que se não persuadir, não pode manter o seu título de orador. 13- Alguns evitaram o escolho da sorte, como Aristóteles diz: “a retórica é a faculdade de encontrar no discurso tudo o que é adequado a persuadir”. Esta definição além de ter o defeito de que falámos atrás, tem ainda o de se restringir à invenção, pois sem elocução não há discurso. 14- A Hermágoras que diz que o objectivo da retórica é “dizer persuasivamente”, e a outros que são da mesma opinião, mas que a exprimem apenas com palavras diferentes e a consideram como definição, já lhes foi dada resposta suficiente, ao termos mostrado que a persuasão não se restringe ao discurso. Neste ponto foram feitas mais algumas considerações de diverso tipo. 15- Alguns julgaram que a retórica versa sobre todas as coisas, e outros que apenas versa sobre coisas do foro público. Sobre qual destas duas posições é a mais verdadeira di-lo-ei no lugar mais apropriado a esta questão. 16- Aristóteles parece ter defendido a posição de que o orador pode falar sobre tudo, quando diz que: “é a capacidade de ver o que em cada coisa pode ser persuasiva” e Iatrócles, que não acrescentando “em cada coisa”, diz o mesmo sem fazer qualquer excepção. Designa-a como a “força” de “encontrar o que seja persuasivo no discurso”: tais definições cingem-se apenas à invenção. A fim de evitar este erro, Eudoro encara-a como a “força” de “encontrar e apresentar eloquentemente de forma or-

namentada aquilo que é credível em qualquer discurso”. 17- Mas pois que o credível e o persuasivo o descobre qualquer pessoa, mesmo não sendo orador, juntando a expressão “em qualquer discurso”, acaba por atribuir, mais que os autores anteriores, o nome da actividade mais bela também aos que a aconselham para crimes. Segundo Platão, Górgias diz ser o artífice da persuasão tanto nos tribunais como nas outras reuniões e tratar do justo e do injusto. Sócrates reconhece-lhe a faculdade de persuadir, mas não a de ensinar. 19- Os autores, porém, que consideraram que a oratória não versa sobre todas as coisas, diferenciaram-na cuidadosa e profusamente, tal como se impunha, e dentre eles está Ariston, discípulo do peripatético Critolaus, que define deste modo a oratória: “a ciência teórica e prática de abordar as questões públicas e de por meio do discurso persuadir o povo”. 20- Porque é peripatético, encara-a como ciência e não, à maneira dos estóicos, como uma virtude. Mas, ao referir a persuasão ao povo, toma uma posição ainda mais adversa à oratória, pois que acha que não servirá para persuadir as pessoas com formação. Quanto àqueles que julgam que a oratória apenas incide sobre questões públicas, diga-se que exclui muitas tarefas do orador, pelo menos toda a oratória laudatória, que constitui a terceira parte da retórica.<sup>12</sup> 21- Teodoro de Gadara é mais cuidadoso – para falarmos dos que acham que a retórica é uma arte e não uma virtude –, pois que diz, e

<sup>12</sup>Segundo Aristóteles a retórica divide-se em três géneros: deliberativo, forense e laudatório ou epidíctico. N.T.

uso as suas próprias palavras assim traduzidas do grego: “a arte assente na invenção, no juízo e na enunciação decentemente ornamentada feita à medida do que pode ser entendido como útil para persuadir, nomeadamente em assuntos de natureza pública”. 22- De igual modo, também Cornélio Celso diz que o objectivo da retórica é “falar persuasivamente sobre assuntos duvidosos de interesse público”. Estas definições não diferentes daquelas que outros defendem, a saber: “a capacidade de alguém perceber e de falar eloquentemente sobre temas públicos que lhe sejam propostos, e de o fazer com persuasão, com a devida postura corporal e com a enunciação daquilo que quer dizer”. Há milhares de outras definições, mas ou são idênticas às já apresentadas ou compostas a partir destas. Responder-lhes-ei quando tratar do objecto da retórica. Outros autores há que nem a consideram uma capacidade, nem uma ciência, nem uma arte, mas que, como Critolau, a encaram como um “modo de falar”<sup>13</sup> (pois que é isso que *τριβή* significa), ou como Ateneu como “arte de enganar”<sup>14</sup> 24- A maior parte, porém, contentam-se com alguns excertos, que outros antes deles insipientemente retiraram do Górgias de Platão, sem que tenham lido por inteiro este ou outros l chama-lhe a adulação da medicina, e à arte dos negociantes de escravos adulação da exercitação, pois que encobrem a cor verdadeira dos escravos com maquilhagem e simulam-lhes a força genuína com abundância de alimento, contrapondo assim a sofística à le-

<sup>13</sup> *usum dicendi.*

<sup>14</sup> *fallendi artem.*

galidade e a retórica à justiça. Tudo isso está de facto escrito nesse livro e foi dito por Sócrates, em cujo nome Platão parece dizer o que sente. Contudo, alguns dos seus discursos foram escritos para refutar os opositores, – os chamados *ἐλεγκτικούς* –, outros para ensinar – os chamados *δογματικοί*. 27- Sócrates, ou melhor dizendo Platão, subestima de facto a retórica tal como se exercia então (na verdade, di-lo com estas palavras *τοῦτον τὸν πρότον, ὃ ὑμεῖς πολιτεύεσθε*.<sup>15</sup> Mas também conhece uma retórica verdadeira e honesta, já que na controvérsia com Górgias conclui desta maneira: *οὐκοῦν ἀνάγκη τὸν ῥητορικὸν δίκαιον εἶναι, τὸν δὲ δίκαιον βούλεσθαι δίκαια πράττειν*.<sup>16</sup> 28- Perante esta afirmação Górgias cala-se, mas Polo toma a palavra com a impetuosidade própria dos jovens e vira-se contra os que a consideram simulacro e adulação. Cálicles ainda é mais veemente, pois que acaba por concluir que: *τὸν μέλλοντα ὀρθῶς ῥητορικὸν ἔσεσθαι δίκαιον ἄρα δεῖ εἶναι καὶ ἐπιστήμονα τῶν δικαίων*,<sup>17</sup> pelo que se torna claro que Platão não encara a retórica como um mal, antes entende que apenas um homem justo e bom pode chegar à retórica verdadeira. 29- Isto ainda é mais manifesto no diálogo Fedro, pois que não se pode exercer cabalmente a retórica sem o conhecimento da justiça, opinião esta que também eu partilho. Ou será que, sendo doutro modo, poderia ele ter escrito

<sup>15</sup> *No modo como vos comportais como cidadãos.*

<sup>16</sup> *É assim que o orador com formação deve ser justo, mas o justo dever querer fazer o que é justo.*

<sup>17</sup> *Quem quiser ser um homem com formação retórica tem de ser um homem justo e conhecer o que é justo.*

a apologia de Sócrates e o louvor aos que morreram pela pátria, que são indubitavelmente obras de retórica? 30- Mas é verdade que invectivou aquele tipo de homens que utilizavam para o mal a facilidade de discorrer. É que o próprio Sócrates achou que não estava à sua altura o discurso que Lísias lhe fez aquando do seu processo, tanto mais que era costume escrever para os litigantes de um processo, que estes pronunciavam como se da sua autoria fossem, infringindo-se desse modo a lei que proibia que alguém aparecesse como advogado de outro. 31- A Platão também os docentes da retórica lhe pareciam pouco idóneos, por separarem a retórica da justiça e preferirem o credível ao verdadeiro; é isso que diz no Fedro. 32- Com esses docentes parece estar de acordo Cornélio Celso de quem são estas palavras: “o orador procura apenas o que é semelhante à verdade” e que à frente diz ainda: “o prémio não é uma boa consciência, mas a vitória no processo”. Fosse isto verdade e então os piores homens poderiam fornecer perniciosos instrumentos para os costumes mais nocivos e ajudar a maldade com doutrinas. Mas cabe-lhes a eles verem como justificam a sua opinião.

33- Mas pois que já começámos a formar o orador perfeito, que antes de tudo o mais deve ser um homem bom, queremos voltar àqueles que melhor trataram este tema. Alguns, na verdade, acharam que a retórica é um “sentido público”<sup>18</sup>, Cícero designa-a como uma parte da “ciência de estado”<sup>19</sup> (ciência de estado que é o mesmo, porém, que a sabedoria), e ou-

tros, dentre eles Isócrates, chamam-lhe filosofia. Daí que à natureza de retórica seja a definição mais adequada a seguinte: “a retórica é a ciência de bem dizer”,<sup>20</sup> pois que compreende numa palavra todas as virtudes do discurso e ao mesmo tempo as qualidades do orador, pois que não se pode falar bem se não se for um homem bom. Também boa é a definição dada por Crisipo, tirada da de Cleante, e que diz: “a ciência de falar com propriedade”.<sup>21</sup> 35- Há muitas outras definições, mas reportam-se mais a outras questões. O mesmo significa a definição que reza assim: “persuadir do que convém”, a não ser que ligue a arte ao sucesso. 36- Também está bem Areu quando a define como: “discursar consoante a virtude da oração”. De igual modo aqueles que entendem a retórica como a “ciência dos deveres cívicos” excluem dela os maus, pois que ao considerarem que a ciência é virtuosa, apenas a confinam ao âmbito mais restrito das questões públicas. Albúcio, um conhecido professor e autor, também a considera a “ciência de bem dizer”, mas peca ao restringi-la acrescentando: “em questões públicas e com credibilidade”, a que, tanto a uma como à outra, já demos aqui resposta. 37- De igual modo de decisão louvável são também os que consideraram a retórica como “sentir e dizer com propriedade”.<sup>22</sup>

Estas são as definições mais famosas e também as que suscitaram mais disputa. Abordá-las todas nem cabe aqui, nem o posso fazer, pois que entre os autores da

<sup>18</sup> *civilitatem*

<sup>19</sup> *scientiae civilis*.

<sup>20</sup> *rhetoricem esse bene dicendi scientiam*.

<sup>21</sup> *scientia recte dicendi*.

<sup>22</sup> *recte sentire et dicere*.

especialidade existe, em minha opinião, um erro que é o de não definir nada com as mesmas palavras, já utilizadas por outros, ambição que me é estranha. 38- O que vou dizer não é pois aquilo que descobri, mas o que considero certo: *retórica é a ciência de bem dizer*. É que uma vez achado o que é melhor, quem procurar algo de outro, quer algo pior. Estando de acordo com estas definições então também se torna simultaneamente claro qual o fim último e maior da retórica, a que se chama *τέλος*, e para o qual tende toda a arte: pois que se a retórica é a ciência de bem dizer, o seu fim maior é então bem dizer.

## **XVI- Vantagens e desvantagens da retórica**

1- Segue-se a questão *se a retórica é útil*. Na verdade, alguns costumam atacá-la violentamente e, o que me parece muito pouco digno, usam na acusação que lhe fazem as forças da retórica. 2-

## **XVII- É a retórica uma arte?**

## **XVIII- A retórica e as artes afins**

## **XIX- Dons naturais e arte**

## **XX- É a retórica uma virtude?**

## **XXI- Matéria da retórica**